

# Consonâncias IV

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

ANTONIO VIVALDI  
OTTORINO RESPIGHI  
FRANCESCO MALIPIERO

© BRUNO SIMÃO

4 ABR • 19H

Palácio Nacional  
de Queluz

6 ABR • 17H

Teatro Garcia  
de Resende, Évora

**opart**  
ORGANISMO  
DE PRODUÇÃO  
ARTÍSTICA, EPE

**TNSC**  
Teatro Nacional de São Carlos

# Consonâncias IV

---

*Apresentação pelo musicólogo Filipe Gaspar*

---

## **Antonio Vivaldi (1678-1741)**

*Concerto para piccolo e orquestra em Dó Maior RV443*

*I. Allegro*

*II. Largo*

*III. Allegro molto*

## **Ottorino Respighi (1879-1936)**

(texto Percy Bysshe Shelley — trad. Roberto Ascoli)

*Il tramonto*, poema lírico para meio-soprano e orquestra de cordas

## **Francesco Malipiero (1882-1973)**

*Sinfonia n.º 6 «Degli archi»*

*I. Allegro*

*II. Piuttosto lento*

*III. Allegro, vivo*

*IV. Lento, ma non troppo - Allegro*

*Duração: 55 min.*

---

**Maria Luísa de Freitas** *Meio-soprano*

**Ana Baganha** *Flauta*

**Antonio Pirulli** *Direção musical*

**Orquestra Sinfónica Portuguesa**



*No campo musical, a palavra «consonância» é utilizada para descrever uma relação harmoniosa entre sons e que, por isso, é percecionada como agradável. Adotada como título da série em que o concerto de hoje se integra, a palavra transforma-se numa metáfora e, por conseguinte, numa plataforma onde diferentes corpos cooperam para dar a conhecer os domínios de intervenção artística do Teatro Nacional de São Carlos.*

Reunidos num mesmo concerto, estes corpos serão veículos de divulgação de repertórios que, por si só, se pretendem consonantes, ligados que estão por pontos de contacto mais ou menos evidentes, quer ao nível das estéticas, quer ao nível das suas histórias.

A primeira obra em programa, o *Concerto para piccolo e orquestra em Dó Maior* de Vivaldi é, como o título indica, uma obra concertante que, como tal, permitirá escutar uma das solistas da Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP), a flautista Ana Baganha. A estrutura desta obra é, para isso, ideal, na medida em que se baseia no diálogo entre secções a solo e secções de *tutti* orquestrais, aliás bem ao gosto do período em que a obra foi composta – o Barroco –, que privilegiava a fruição de contrastes sonoros. A relação entre os tipos de andamentos deste concerto de Vivaldi é também um bom exemplo dessa predileção, ao fazer-se alternar um andamento inicial rápido – «Allegro» – com um segundo mais lento – «Largo» –, retomando-se a velocidade com o «Allegro molto», outra vez mais animado. Recorde-se que «barroco» é uma palavra que, no passado, era usada para

nomear as pérolas cuja beleza se encontrava na irregularidade das suas formas e texturas. A metáfora aplica-se ao longo de todo este *Concerto para piccolo*. Veja-se o primeiro andamento, que tem o poder de, logo no início da obra, seduzir os espectadores com solos altamente ornamentados, abrilhantados pela «cor» sobreaguda do flautim, que vai respondendo aos desafios lançados pelos *ritornelli* recorrentes da orquestra.

Em *Il tramonto*, do compositor italiano Ottorino Respighi, dá-se, por sua vez, protagonismo à consonância entre a palavra cantada e os timbres da orquestra. A meio-soprano Maria Luísa de Freitas dará voz ao poema *The Sunset* (1816), do poeta romântico inglês Percy Bysshe Shelley (1792-1822), na tradução italiana de Roberto Ascoli (*fl.* 1891-1930). Trata-se de uma viagem pelas emoções de dois apaixonados que se encontram para assistirem ao pôr-do-sol, mas não chegam a tempo, qual prenúncio do amor cuja concretização também lhes escapará: o rapaz acaba por morrer, depois de uma única noite de paixão. Vivido fugazmente o êxtase, Isabel vê-se então condenada ao luto e

ao anseio por uma resolução que só a morte lhe trará. O arco narrativo é contado, conjugando técnicas que remontam à ópera barroca e expedientes da transição do Romantismo para o Modernismo: o estilo recitativo da linha vocal segue as inflexões do percurso emocional do texto, que é reforçado por uma textura cromática – devedora de *Tristão e Isolda* de Wagner (1813-1883) –, assim como por um tratamento da linha das cordas, quer ao nível dos timbres, quer da melodia, que caracteriza simultaneamente atmosferas interiores e a natureza envolvente, esta mesma uma metáfora dessa interioridade. Apresentada neste concerto pela secção das cordas da OSP, a partitura foi originalmente concebida para o intimismo de um quarteto de cordas. Para além de Wagner, a orquestração de Respighi faz eco de compositores como Richard Strauss (1864-1949) e, no seu pictorialismo hedonista, de Claude Debussy (1862-1918).

Na última parte deste concerto, o foco dirige-se exclusivamente para a orquestra. Escutar-se-á a *Sinfonia n.º 6* de Gian Francesco Malipiero, o terceiro compositor italiano do programa desta tarde. Não será porventura o autor mais rapidamente reconhecível pelo público, contudo a sua obra, vasta e diversificada, bem como a sua atividade docente e musicológica, influenciaram significativamente o contexto musical italiano do século XX. Como professor, contribuiu para a formação de alguns dos principais nomes da música italiana do século XX, como Luigi Dallapiccola (1904-1975), Luigi Nono (1924-1990) e Bruno Maderna (1920-1973). Enquanto musicólogo, interessou-se pela recuperação de repertório renascentista e barroco de autores como Merulo (1533-1604), Monteverdi (1567-1643), Frescobaldi (1583-1643) e Vivaldi (1678-1741). Neste campo, encontra-se uma curiosa consonância histórica entre Vivaldi e Malipiero: este foi um dos responsáveis pela edição de *Le Opere di Antonio Vivaldi*, a coleção das obras de Vivaldi publicada pela famosa editora Casa Ricordi,

entre 1947 e 1972, que inclui a partitura do *Concerto para piccolo*. Estilisticamente, a música de Malipiero é marcada de forma mais ou menos consciente por pontos de contacto com a de Debussy, Grieg (1843-1907) e Janáček (1854-1928), cobrindo géneros como a ópera, o bailado, a música orquestral, a música de câmara e o repertório para piano e para canto. Entre as suas onze sinfonias, as primeiras sete formam um *corpus* representativo da liberdade formal que o caracterizava, e a *Sinfonia n.º 6* é disso um bom exemplo. Malipiero conserva uma linguagem fundamentalmente diatónica, típica do melodismo romântico italiano, sem que, contudo, se exima de recorrer à expressividade e ao desafio harmónico do recurso ao cromatismo. Intitulada «Degli archi», a instrumentação desta sinfonia aproxima-a da sonoridade da música para quarteto de cordas sem, contudo, capitular à rigidez estrutural na base do cânone clássico desse género de câmara. De facto, o desenvolvimento das suas ideias é muito mais espontâneo, privilegiando a imprevisibilidade e a justaposição, em vez da ortodoxia do desenvolvimento de temas e motivos. O próprio compositor assinalara que, na verdade, a «Sexta sinfonia poderá parecer-se com um Concerto grosso», o que é, sem dúvida, constatável na dinâmica entre os solos e os *tutti*, patente no primeiro e no terceiro andamentos. A semelhança admitida por Malipiero entre a sua sinfonia e o género acarinhado por tantos compositores do Barroco italiano conclui, de forma feliz, a «consonância» entre as três peças em programa neste concerto.

**Filipe Gaspar**  
*Musicólogo*



## Maria Luísa de Freitas

*Meio-soprano*

---

Nascida em Luanda, iniciou os seus estudos no conservatório Nacional de Lisboa com José Carlos Xavier. Recebeu vários prémios em Portugal e no estrangeiro. Trabalhou com maestros como: Marko Letonja; Marc Tardeu; Johannes Stert; Julia Jones; João Paulo Santos; Michail Jurowski; Massimiliano Damerini; Osvaldo Ferreira; José Cura; Martin André; Gregor Buhl; César Viana; Sébastien Rouland; François Xavier Roth; Yaniv Dinur; Lawrence Foster; Pedro Neves; Nuno Côrte-Real; Nicholas Kraemer; Antonio Pirolli; Joana Carneiro; Leonardo García Alarcón; Renato Palumbo; Graeme Jenkins e Giacomo Sagripanti.



© FÁBIO CUNHA

# Ana Baganha

*Flauta*

---

Ana Baganha iniciou os seus estudos musicais com Rui Paulo Sousa, em Viana do Castelo. Em 2017, ingressou na classe de Michel Bellavance, na Haute École de Musique de Genève, onde se encontra a terminar o mestrado em interpretação musical – orientação orquestra. Trabalhou com flautistas como Sophie Cherrier, Julien Beaudiment, Pamela Stahel, Pierre Dumail e Vincent Cortvrint. Foi premiada em concursos em Portugal, na Suíça e em Hong Kong. Na temporada de 2020/2021, foi academista da Berner Symphonieorchester, sob mentoria de Riccardo Cellacchi. No mesmo ano, lecionou na École de Musique de Gex, em França. Paralelamente à atividade profissional, integra várias associações, sendo de destacar o Grupo Etnográfico de Areosa (desde 2012), com o qual participou na gravação do CD *Grupo Etnográfico de Areosa, A Várias Vozes*, em 2020. Desde setembro de 2021, é solista B – 2.ª flauta/flautim na Orquestra Sinfónica Portuguesa.



© BRUNO SIMÃO

## Antonio Pirolli

*Direção musical e maestro titular  
da Orquestra Sinfónica Portuguesa*

---

Natural de Roma, licenciou-se em piano, composição, música coral e direção de orquestra na Academia de Santa Cecília. Aperfeiçoou-se com Zoltán Peskó, Vladimir Delman e Rudolf Barshai, tendo conseguido o 3.º prémio no Concurso Arturo Toscanini de Parma. De 1995 a 2001, foi diretor musical no Teatro de Ópera de Ancara, ocupando, de 2001 a 2005, o mesmo cargo na Ópera Estatal de Istambul. Dos compromissos passados e mais recentes, destacam-se: *Lucia di Lammermoor* em Buenos Aires e Bari; *La Gioconda* em Santander; *Andrea Chénier* em Berlim e na Catânia; *Macbeth* em Lisboa; *Aida* em Copenhaga e Caracalla; *Il trovatore*, *Anna Bolena* e *Ernani* na Catânia; *Tosca* em Florença e Bari; *Turandot* em Copenhaga, Verona e Catânia; *Aroldo* em Bilbao; *Il barbiere di Siviglia* em Tóquio, Valência e Verona; *Carmen* em Copenhaga e Avenches; *Faust* em Tóquio e Santander; *Un ballo in maschera* em Salerno e Lisboa; *Madama Butterfly* em Ancona; *Medea* no circuito As.Li.Co.; *Norma* em Trapani e Spalato; *Attila* em Lecce e Roma; *Otello* em Lisboa; *Manon Lescaut* em Torre del Lago; *Nabucco* em Caracalla e Lisboa; *Rigoletto* em Tóquio; *Falstaff* em Xangai; e *La forza del destino* em Lisboa. Atualmente, é maestro titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa.





© BRUNO SIMÃO

## Orquestra Sinfónica Portuguesa

---

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

*Antonio Vivaldi*





*Ottorino Respighi*



## Il tramonto

---

Già v'ebbe un uomo, nel cui tenue  
spirto  
(qual luce e vento in delicata nube  
che ardente ciel di mezzogiorno stempra)  
la morte e il genio  
contendeano.  
Oh! quanta tenera gioia, che gli fè  
il respiro venir  
meno  
(così dell'aura estiva l'ansia talvolta)  
quando la sua dama, che allor solo conobbe  
l'abbandono pieno e il concorde palpitare  
di due creature che s'amano,  
egli addusse pei sentieri d'un campo, ad oriente  
da una foresta biancheggiante ombrato  
ed a ponente scoperto al cielo!  
Ora è sommerso il sole;  
ma linee d'oro pendon  
sopra le cineree nubi,  
sul verde piano, sui tremanti fiori,  
sui grigi globi dell'antico smirnio,  
e i neri boschi avvolgono  
del vespro mescolandosi  
alle ombre.  
Lenta sorge ad oriente l'infocata luna  
tra i folti rami delle piante cupe:  
brillan sul capo languide le stelle.  
E il giovine sussura: «Non è strano?  
Io mai non vidi il sorgere del sole,  
o Isabella.  
Domani a contemplarlo verremo insieme».  
Il giovin e la dama giacquer  
tra'l sonno e il dolce amor congiunti ne  
la notte,  
al mattin gelido e morto ella trovò l'amante.  
Oh! nessun creda che, vibrando tal colpo,  
fu il Signor misericorde.  
Non morì la dama, nè folle diventò:  
anno per anno visse ancora.  
Ma io penso che la queta sua  
pazienza,  
e i trepidi sorrisi, e il non morir  
ma vivere  
a custodia del vecchio padre  
(se è follia dal mondo dissimigliare)  
fossero follia.

## O pôr-do-sol

---

Ali, tarde, estava alguém dentro de cujo  
subtil ser  
O génio e a morte contendiam  
Como luz e vento dentro de uma nuvem delicada  
Que esmorece entre o azul ardente do céu  
do meio-dia.  
Ninguém pode saber  
A doçura da alegria que tornava frágil  
a sua respiração  
Como os arrebatamentos do ar do verão,  
Quando, com a dama do seu amor, que então  
Primeiro conheceu a liberdade de duas pessoas  
que se amam,  
Ele caminhou ao longo da vereda de um campo  
Que para este um antigo bosque sombreava,  
Mas para oeste ficava aberto ao céu.  
Ali agora o Sol tinha mergulhado, mas linhas  
de oiro  
Suspensas nas cinzentas nuvens e nas pontas  
Da distante relva e das oscilantes flores  
E da barba branca do velho dente-de-leão,  
E misturadas com as sombras do crepúsculo,  
jaziam.  
Sobre os compactos bosques castanhos e a este  
A ampla e ardente Lua hesitantemente surgia  
Entre os pretos troncos das compactas árvores,  
Enquanto as pálidas estrelas se reuniam em cima.  
«Não é estranho, Isabel, disse o jovem,  
Que eu nunca tenha visto o Sol?  
Amanhã nós  
Viremos aqui; tu contemplá-lo-ás comigo».  
O jovem e a dama passaram em amor e sono  
Essa noite juntos — mas quando  
a manhã chegou  
A dama, morto e frio o seu amante encontrou.  
Que ninguém creia que Deus vibrando tal golpe  
Foi misericordioso. A dama não morreu, nem  
se enfureceu,  
Mas ano após ano ela viveu — na verdade eu  
penso  
Que a sua doçura e paciência e tristes sorrisos —  
E que ela não morreu, mas viveu para tomar  
conta  
Do seu velho pai — eram uma espécie de  
loucura,  
Se loucura é ser diferente do mundo.

*Era, null'altro che a vederla,  
come leggere un canto da ingegnoso bardo  
intessuto a piegar gelidi cuori in un  
dolor pensoso.  
Neri gli occhi, ma non fulgidi più:  
consunte quasi le ciglia dalle lagrime;  
le labbra e le gote  
parevan cose morte, tanto eran  
bianche;  
ed esili le mani e per le erranti vene  
e le giunture  
rossa del giorno trasparia la luce.  
La nuda tomba, che il tuo fratel racchiude,  
cui notte e giorno un'ombra tormentata abita,  
è quanto di te resta, o cara creatura perduta!  
«Ho tal retaggio che la terra non dà:  
calma e silenzio senza peccato e senza  
passione.  
Sia che i morti ritrovino (non mai il sonno!)  
solo il riposo,  
imperturbati quali appaiono, o vivano  
o d'amore nel mar profondo scendano,  
oh! il mio epitaffio, che il tuo sia «Pace»!  
Questo dalle sue labbra l'unico lamento.*

Mas vê-la era como ler o conto  
Urdido pelo mais subtil bardo para fazer os  
corações duros  
Dissolverem-se em dor pensada;  
Os seus olhos eram pretos, baços e cansados:  
As suas pestanas estavam gastas pelas  
lágrimas,  
Os seus lábios e faces como coisas mortas  
tão pálidos;  
As suas mãos eram finas e através das suas  
vagueantes veias  
Fracas articulações podiam ser vistas  
À luz rósea do dia. O túmulo do teu ego morto  
Que um atormentado fantasma habita, noite e dia,  
É tudo, criatura perdida, o que resta de ti!  
«Herdeiro de mais do que a terra pode dar,  
Calma e silêncio  
irrepreensíveis,  
Onde os mortos encontram, oh, não sono!  
mas descanso,  
E são as coisas imperturbáveis que eles parecem,  
Ou vivem, gota no profundo mar do Amor;  
Oh, que o meu epitáfio seja como o teu — Paz»  
Este foi o único lamento que ela fez.



*Francesco Malipiero*









Com o encerramento ao público do Teatro Nacional de São Carlos para obras de Conservação e Restauro, Requalificação e Modernização no âmbito do PRR — Plano de Recuperação e Resiliência, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos sobem a outros palcos nacionais: uma viagem musical que percorrerá o país ao longo dos próximos meses, com a ambição e o rigor de sempre, e o objetivo de divulgar a música, a ópera e o património musical português.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO OPART

---

**Conceição Amaral** · *Presidente*

**Rui Morais** · *Vogal*

**Sofia Menezes** · *Vogal*

COMISSÃO ARTÍSTICA DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

---

**Maestro João Paulo Santos** · *Coordenação*

**Maestro Antonio Pirolli**

**Maestro Giampaolo Vessella**

PARCEIROS DA VIAGEM *CONSONÂNCIAS IV*

---



Parques de Sintra



# São Carlos em *andamento*



© CARLOS PINTO

BRAGA · VILA REAL · CALDAS DA RAINHA  
ALTER DO CHÃO · CASCAIS · QUELUZ · LISBOA  
ALMADA · ÉVORA · FARO

DE JANEIRO A ABRIL

 REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

 ANTENA 2

idealista

 HORTO  
DO CAMPO GRANDE